



Imagens e sombras na poesia de Joaquim Cardoso

Images and shadows in Joaquim Cardozo's poetry

Salomão de Moura MAIA¹

Vilani Maria de PÁDUA²

Resumo: Este artigo trata da poesia de Joaquim Cardozo (1897-1978), mais especificamente, “Fábulas de João da Tarde”, do livro *Signo Estrelado* (1960), investigando a utilização das imagens metafóricas na produção da crítica social e política. A imagem está presente na poesia, assim como também o som, através das canções, dos poemas, orais ou escritos, por meio do ritmo, da rima, desde os tempos remotos. Há imagens na pintura, na escultura e também na palavra ou signo que sozinho ou em conjunto forma uma representação, um ícone, uma ideia. Este trabalho tem o desejo de entender qual a importância da imagem na poesia de Joaquim Cardozo em termos de discurso político, social e existencial. Sabe-se que a imagem tem alguns significados (representação, vulto), mas a que nos interessa aqui é a imagem criada a partir da palavra ou grupo de palavras. Para ajudar a compreender, buscaremos apoio teórico em Paz (2012), Bosi (2000), Barros (2015), Pádua (2013), entre outros.

Palavras-chave: Cardozo. Poemas. Imagens. Política. Social.

Abstract: This article deals with the poetry of Joaquim Cardozo (1897-1978), more specifically, “Fábulas de João da Tarde”, from the book *Signo Estrelado* (1960), to investigate the use of metaphorical images in the production of social and political criticism. The image is present in poetry, as well as the sound through the songs, poems, oral or written by means of rhythm, rhyme, since ancient times. There are images in painting, sculpture and also in the word or sign that alone or together form a representation, an icon, an idea. This work has the desire to understand the importance of image in Joaquim Cardozo's poetry in terms of political, social and existential discourse. It is known that the image has some meanings (representation, shape), but what interests us here is the image created from the word or group of words. To help understand, we will seek theoretical support in Paz (2012), Bosi (2000), Barros (2015), Pádua (2013), among others.

Keywords: Cardozo. Poems. Images. Politics. Social.

<http://dx.doi.org.10.24024/23579897v29n2a2020p75088>

¹ Graduado em Letras UFPE. Aluno da pós-graduação em Literatura Brasileira FAFIRE. | E-mail: moamolas@hotmail.com

² Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada/USP. Professora da pós-graduação FAFIRE | E-mail: vivipadua@hotmail.com

Introdução

O poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo e outro. (Baudelaire *apud* Bosi, 2000)

A poesia está presente desde o começo da civilização em suas variadas formas, mas boa parte dos poetas ainda se mostra conhecida por uma pequena parcela da sociedade. Este estudo tem interesse em conhecer um pouco de um desses poetas que tratou de muitas temáticas em sua poesia, em seu teatro e também em seus contos. O trabalho que ora se propõe para estudo é a poesia de Joaquim Cardozo (1897-1978), poeta e engenheiro recifense, mais especificamente um poema do livro *Signo Estrelado*, “Fábulas de João da Tarde I e II”.

Trabalhar a imagem ou a produção dela trouxe fascínio ao homem. Bosi nos diz que a imagem é condição de persuasão e meio de convencimento: “Mas o discurso é frágil se comparado ao efeito do ícone que seduz com sua pura presença [...] A imagem impõe-se, arrebatada” (BOSI, 2000, p. 33). Desse modo, a poesia é o espaço onde são trabalhadas as imagens para produção de sentido. Este estudo pretende compreender como a imagem se comporta na poesia de Joaquim Cardozo numa perspectiva política, social e existencial. Sabe-se que a imagem tem alguns significados (representação, vulto), mas a que nos interessa aqui é aquela que Paz define como “...toda forma verbal, frases ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem um poema” (2012, p. 37). Assim, a partir da palavra ou conjunto de palavras ou frase, forma-se uma imagem poética, cuja linguagem pode ser definida como expressão poética, em contraposição à linguagem da prosa em que se funda a linguagem lógica ou científica.

Joaquim Moreira Cardozo foi mais que um engenheiro calculista de sucesso; foi poeta, contista e teatrólogo. Como caricaturista, começou a trabalhar no jornal Diário de Pernambuco, em 1917. Foi professor de arquitetura no Recife e também funcionário no departamento de engenharia da prefeitura. Às artes, dedicou-se inteiramente a ponto de ser respeitado por grandes autores como Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, Gilberto Freyre, Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos. E, claro, de seu amigo e companheiro de trabalho na construção de Brasília, Oscar Niemeyer.

O engenheiro calculista que escrevia poesia de uma forma consciente pertenceu ao movimento Modernista do início do século XX, mas não ao movimento paulista ou mineiro, porque em Recife também houve um modernismo ligado a dois grupos de jovens amantes de literatura: o primeiro foi denominado de movimento Regionalista; o segundo, representantes da Revista do Norte. Cardozo fez parte do segundo grupo, que também era conhecido como “...os amigos da Esquina Lafaiete, do qual Cardozo fez parte, assim denominados pelos próprios participantes” (PÁDUA, 2015, p. 17). Nesse período de efervescência do modernismo paulista e mineiro, o jovem poeta se destacava entre os seus pares, em seus trabalhos estéticos, com um jogo imagético a serviço de sentidos próprios de sua região e temáticas nacionais.

Sua poética, portanto, está ligada à sua vida, desde o tempo de estudante, quando começou a trabalhar aos 17 anos, após a morte do pai. A imagem sempre foi objeto de reflexão para Cardoso, pois, como caricaturista, já demonstrava esse modo e habilidade para o discurso imagético. Precisava, portanto, elevar essa habilidade para o jogo com as palavras, a metáfora, a analogia, a recorrência que soube usar no poema, nas cenas dramáticas e nos contos. Esse conteúdo estético tornou a sua arte, ou parte dela, um discurso político e social através de imagens não apenas de temas regionais (a cidade/o campo, o litoral/ o mar, etc.), mas temáticas universais, como o tempo, o nada, a morte, o todo. Por meio de sua vivência com a cultura popular, desenvolveu uma sensibilidade única ao unir arte popular e erudita. Por isso, a imagem foi decisiva na construção de sua expressão poética, não apenas na literatura, como também em seus projetos de engenheiro calculista de concreto armado.

Joaquim Cardoso é ainda pouco estudado, de acordo com seus críticos, observação que já merece bastante atenção. Ainda que sua obra não seja extensa, comparada à de outros autores, é de intensa significação poética. Estudar Joaquim Cardoso é mergulhar em possibilidades ainda não reveladas em termos de significação. Sua obra dialoga com aspectos regionais do Recife e aspectos nacionais. Suas imagens capturam os cenários mais variados, desde os específicos das ruas, dos becos, do litoral pernambucano, a imagens de formas matemáticas, imagens que transcendem o provincianismo e projetam o poeta para os temas universais. Por essas razões, o estudo da obra de Cardoso é de muita importância para seus conterrâneos, para o Brasil como um todo, porque é uma obra que faz refletir a condição humana através do texto poético, através da imagem poética. Um saudosismo existencialista toma parte de sua poesia, com referência ao passado no Recife e das mulheres com quem conviveu direta ou indiretamente. Assim, no poema “balada para as damas de um outrora sem tempo”, o poeta reflete sobre os temas destino e tempo. Esse poema dialoga ligeiramente com um livro de Nietzsche *O viajante e sua Sombra*, marcando as reflexões existenciais desse filósofo.

Para alicerçar parte desse trabalho, trazemos à discussão o livro *Signos em Rotação*, do crítico e poeta Octavio Paz. Nesta obra, são discutidas as múltiplas possibilidades e força que a imagem poética provoca num trabalho com a linguagem, como a poesia. Segundo Paz, “Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los” (2012, p. 38). Com essa afirmação, o autor coloca a imagem como capaz de condensar o dizer poético através de palavras. Esse jogo de tensão de ideias contrárias e que se atraem, pois une opostos sem que haja descaracterização, somente é possível através da imagem. Essa busca pela significação total levou o autor mexicano a considerar a filosofia oriental do Taoísmo como um caminho de revelação. Nele, a palavra é parte desse processo, portanto, incapaz de representar o todo, o que se torna possível apenas pela imagem. Mas a palavra é o único meio possível de conjugar essa imagem, e logo surge um paradoxo ou enigma poético. No entanto, explorar essa discussão filosófica e ontológica da imagem não é o propósito deste estudo. Ficaremos com o jogo de palavras, as metáforas, as repetições e demais atitudes criativas que a linguagem proporciona ao poeta.

De outro modo, Alfredo Bosi, em sua obra *O ser e o tempo da poesia*, vê a imagem como uma contextualização política e social do poeta. A linguagem da poesia está intimamente relacionada com as vivências poéticas. Assim, cada verso e seu ritmo estão unidos às experiências pessoais e culturais do poeta. O que foi vivido e interpretado, cada instante. “O alvo a atingir era e ainda é compreender uma linguagem que combina arranjos verbais próprios com processos de significação pelos quais sentimento e imagem se fundem em um tempo denso, subjetivo e histórico” (BOSI, 2000, p. 9). Para Bosi, ao fazer sua análise, o crítico deve levar em consideração o jogo verbal do texto poético, suas relações verbais, suas recorrências, sua metáfora, condições de interpretação. Mas também sua contextualização com o presente e o passado. Ignorar esses olhares é incorrer numa análise maneta, parcial do texto. “Quando se mantém alheia a esse encontro de forma expressiva e temporalidade, a teoria do poema arrisca-se a isolar e a sobrestimar um determinado estrato do texto, daí resultando esquemas explicativos parciais e excludentes” (BOSI, 2000, p. 10). Logo, procuraremos estudar a obra poética cardoziana à luz desses dois autores, naquilo em que eles não divergem: a construção do texto poético pela imagem.

Manoel de Sousa Barros, na obra *A década 20 em Pernambuco*, traz importantes reflexões acerca do contexto histórico em que viveu Joaquim Cardozo. Nesse livro, são discutidas questões políticas, sociais e artísticas, envolvendo o Recife, principalmente, e toda a região da Mata Norte e Sul, Agreste e Sertão. Portanto, um valioso documento de embasamento do nosso trabalho.

O caminho a ser percorrido neste estudo envolve a leitura e a análise do poema “Fábulas de João da Tarde” de Joaquim Cardozo, assim como de textos teóricos, artigos e ensaios relacionados que possam auxiliar na compreensão do fenômeno estético do poeta. Para isso, será feita uma revisão bibliográfica sobre a temática da imagem, bem como dos pressupostos relacionados com o discurso político e social do autor. A análise será da palavra que, sob o jogo da metáfora, do paralelismo, da analogia, instaure a imagem que vai caracterizar o interesse dessa pesquisa.

1. Um texto de consciência

Na poesia de Cardozo tudo é estado de tensão, uma tensão poética a serviço da consciência. A palavra pensada para criar uma imagem política que se volta em seu entorno como uma visão de 360 graus. Ou seja, a consciência do que está em volta. A imagem cardoziana mais parece uma pintura criada com palavras que dançam em um jogo de imagens a serviço do poético. Um desses poemas é “Fábulas de João da Tarde”, em que o poeta, através das imagens do homem do campo e do homem sertanejo, inicialmente, discute o trabalho na lavoura e a condição da terra seca no sertão. O poema integra o livro *Signo Estrelado*, que foi publicado em 1960. Embora tenha sido publicado na década de 60, seus poemas já eram conhecidos nos anos de 1920; é que Joaquim Cardozo guardava muitos dos seus poemas na mente, e outros na gaveta. Sobre o poema em

estudo, Fernando Py declara ser ele resultado de experiências do poeta como topógrafo no agreste da Paraíba e Pernambuco:

Com esse trabalho, Cardozo adquiriu grande vivência das regiões mais pobres desses estados e de seus humildes habitantes, experiência que também lhe valeu para a elaboração de vários poemas, sobretudo “Recordações de Tramataia”, “Imagens do Nordeste”, “Congresso dos ventos”, as duas “Fábulas de João da Tarde”, “A várzea tem cajazeiras”, etc. (CARDOZO, 2008, p. 414).

No poema “Fábulas de João da Tarde”, Cardozo faz uso de uma sombra e a nomeia João, que é gigante, uma vez se tratando do fim de tarde e a posição do sol criando uma sombra alongada; também, talvez, para justificar o termo fábula³: “O meu gigante João da tarde vinha sempre me ver ao fim do dia, / No momento em que eu deixava meus trabalhos no campo / E o sol descia muito longe, muito além das terras do Brasil...” (CARDOZO, 2008, p. 209). O poema narrativo desenvolve um enredo com o eu lírico, representado por um agricultor e sua sombra, que caminham juntos e conversam após o dia de trabalho. O termo fábula é, também, justificado, como “imitação de ações”, “composição dos atos” e elemento da tragédia, citado por Moisés: “O termo fábula tomado como equivalente do grego ‘mito’, designava, no interior do pensamento de Aristóteles, a ‘imitação de ações’, ‘a composição dos atos’, ou seja, a intriga, e era ‘o primeiro e o mais importante’ elemento da tragédia” (MOISÉS, 2013, p. 187). Portanto, é o que explica, em primeiro plano, o título “Fábula”. Mas, como Cardozo usa a palavra fábulas, no plural, uma vez que o poema se divide em duas partes, o significado vai ganhar outros sentidos, um aspecto político e outro trágico, como veremos mais adiante.

No segundo verso, é completada a imagem do trabalhador que interage com sua sombra, sua imagem em silhueta, o qual, por se tratar do fim do dia e de um dia de trabalho, estará exausto, o que dará à sombra uma significação carregada de sentidos. Não apenas a da sombra, vulto, mas uma metáfora da exaustão do corpo cansado e sofrido pelo brilho potente do sol a que é submetido o agricultor que trabalha na lavoura. Cardozo não explora o discorrer do dia no poema, o que seria caracterizado pelo esforço físico do trabalhador. Ao contrário, o que vem à tona é a reflexão após o fim do trabalho, a conversa com ele mesmo, e que tem na sombra uma possibilidade de interação. Esses três versos constituem, assim, uma introdução à imagem desse trabalhador, e levanta as suas temáticas ligadas à terra.

Na segunda estrofe, de cinco versos, o poeta descreve o ambiente de trabalho do agricultor. Não a descrição da hora do trabalho, de sol mais intenso, mas o final da tarde: “Íamos então lado a lado caminhando/ Por toda a extensão da várzea limpa e dourada/ Da várzea luzindo, agraciada pelo sol/ Recentemente revolvida, navegada pelo arado;/ Seguíamos depois pelo caminho do açude, perlongando, convagando a levada” (CARDOZO, 2008, p. 209). A descrição nos sugere um espaço produtivo de alimentos e bem aproveitado,

³ Lat. *Fabula*, conversação, narração, relato (MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários, 2013). Por ser muito extenso, o poema será apresentado na íntegra, anexo e, para a análise, recortado e inserido no texto.

como demonstra os adjetivos limpa, dourada, luzindo e agraciada, revolvida, navegada. Esses adjetivos estão a serviço do substantivo “Várzea” e sugere uma imagem positiva. A imagem do sol será vista por outro ângulo, ao iniciar a segunda parte dessa fábula, confirmando o que Paz diz: “Ora, a imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece” (2012, p. 45). Logo, a cena que esse eu lírico e sua sombra mostram é construída pela visão política que vai dialogar com a segunda parte do poema.

Cardozo vai coligindo no poema os aspectos que se inter-relacionam entre homem e seu meio. É como se procurasse apreender no verso a totalidade do instante, como a palavra pode representar parte e todo. “A identidade última entre o homem e o mundo, a consciência e o ser, o ser e a existência, é a crença mais antiga do homem e a raiz da ciência e da religião, magia e poesia” (PAZ, 2012, p. 42). A identidade do homem do campo com o seu meio rural é muito grande. Toda uma vida de dedicação ao trabalho com a terra, desde seu nascimento, deixa uma relação de intimidade com a natureza e seus elementos, nas mais sutis características. Cardozo expõe isso nos versos em que o eu lírico descreve a paisagem da várzea “limpa e dourada”, “luzindo” e “agraciada pelo sol”. Os adjetivos e termos adjetivados limpa, dourada, luzindo e agraciada não apenas descrevem o ambiente rural, mas revelam a intimidade, a subjetividade, o olhar para a lavoura de modo especial, de satisfação pelo resultado de seu trabalho. Utiliza palavras sofisticadas, além de neologismos, para revelar esse homem simples e criar imagens do espaço rural, como a do açude que vai “perlongando, convagando a levada”, isto é, se alonga num fio de água que corre saindo do lago em direção ao roçado, formando um caminho, ou uma levada, para regar a plantação. É uma imagem em movimento. Essa consciência, que é característica do homem do campo, Cardozo nos revela através do seu eu-lírico que caminha enquanto conversa com sua sombra, suas reflexões.

Outro aspecto que merece atenção é a referência ao trabalho no campo, tema de grande interesse de Cardozo. Ainda na segunda estrofe, podemos ver a preocupação que o poeta tem em mencionar que a terra foi recentemente revolvida e navegada, o que nos remete ao trabalho de mexer a terra e deslizar sobre ela, como o barco navega sobre o mar. Ao criar duas imagens, uma pertinente a terra (revolvida), e outra que nos sugere a água (navegada), Cardozo faz menção ao aparecimento de máquinas na agricultura, uma vez que os processos tradicionais de aragem da terra não dariam essa velocidade imaginável para navegar. Portanto, talvez, esteja aí um espaço poético entre essas palavras que o poeta já referiu na epígrafe do livro *Signo Estrelado*: “O espaço das palavras-pontos sinais dos sentimentos, dos pensamentos e das experiências humanas - possui um espaço poético adjunto que represento por este signo estrelado” (CARDOZO, 2008, p. 191).

Sobre essa citação, Cardozo apresentou na abertura do livro e desenhou um signo com estrelas, parecendo com um caracol, talvez representando caracóis da mente que acabam brilhando como poemas-estrelas, pontos de descobertas e compreensão do mundo.

Mais ainda, a agricultura pernambucana, no contexto do poema, era essencialmente da monocultura canavieira. O cenário era de domínio das usinas que controlavam a

mão de obra dos trabalhadores canavieiros. A várzea, como vista no poema, se caracteriza como um terreno mais baixo e próximo a um curso de água. Por isso, Cardoso nos apresenta a várzea com os adjetivos acima destacados. Barros diz: “O desmatamento da zona úmida criava as erosões. Aumentava a erosão natural. Só as várzeas valiam a pena” (2015, p. 48). Não que a monocultura da cana só estivesse nas várzeas, mas tornava a produção mais competitiva por sua condição mais favorável de água.

Vimos o interesse em destacar o meio rural, o campo, o agricultor. Na estrofe seguinte, Cardoso introduz as preocupações do homem, as angústias por que passa esse trabalhador. Assim é nos versos: “João agitava os braços enormes em gestos de fuga e ambição/ E me falava com palavras repassadas de longínquo e de horizontes” (CARDOZO, 2008, p. 209). As condições de trabalho da zona canavieira ainda hoje são muito difíceis, pois, além dos salários muito baixos, as altas temperaturas e o pelo da cana são condições muito árduas. À época que sugere o poema, início do séc. XX, as condições dos trabalhadores eram ainda mais duras. Souza Barros destaca que em Pernambuco havia em torno de 500 usineiros, 2000 fornecedores de cana e a grande quantidade de trabalhadores: “O resto era a grande massa amorfa de trabalhadores e aproximadamente 2000 senhores-de-engenho transformados em fornecedores de cana” (2015, p. 44). O gigante João da Tarde é metaforicamente cada um desses canavieiros, trabalhadores rurais, que diariamente são obrigados a suportar condições desumanas de trabalho. As suas palavras são “de longínquos e de horizontes”, de passado e de futuro. Os sonhos de vida melhor e que não se realizaram, porque não há interesse da parte que manda. De futuro, porque se alimenta na renovação não para si mesmo, mas, talvez, na de seus filhos. A sombra sugere ser sonhadora, pois, na sequência da estrofe, sua cabeça se afasta do eu lírico que, ao contrário, é reflexivo. “Pouco, muito pouco percebia do que me segredava,/ Pois os seus pés estando sempre juntos dos meus,/ A sua cabeça se afastava para além da curva do rio” (CARDOZO, 2008, p. 209). Serão dados outros destaques para a presença da sombra no tópico 3, mais adiante.

2. A política em cada verso

Cardozo carrega em seus poemas o traço distintivo dos que se preocupam com as questões políticas e sociais. Ele procurou, na arte, e particularmente na cultura popular, expressar, talvez denunciar, as injustiças políticas que os poderosos impõem aos pobres. É assim no seu teatro e na sua poesia. Na peça teatral *O coronel de macambira*, o personagem Retirante faz a sua descrição enquanto condição social das mais pobres, uma crítica direta: “(...) Sou uma sombra sem corpo, / Sou um rosto sem pessoa,/ Um vento sem ar soprando,/ Sem som, um canto, uma loa/ (...) O tecido que me veste/ Nem tem trama, nem cadeia/ Meus passos são muito leves/ Não deixam marca na areia” (CARDOZO, 2007, p. 106). Sobre o personagem, Pádua nos diz: “[...] Estão presentes na figura do Retirante a angústia, a brutalidade e o arcaísmo de um país que se moderniza submetendo os mais fracos à ignorância e, por conseguinte, ao fanatismo embriagador e conformista” (PÁDUA, 2013, p. 172).

A personagem aparece na peça em um contexto de discussão por demarcação de terras e que envolve disputas desonestas entre os interessados, com um engenheiro demarcando as terras como personagem da peça, talvez uma analogia de Cardozo com seu trabalho na demarcação de terras na Baía da Traição, Paraíba. Fernando Py informa, na apresentação dos contos cardozianos, que uma parte desses contos fora inspirado nos trabalhos como engenheiro: “...De um modo geral, indicam relatos de experiências pessoais do autor...” (CARDOZO, 2008, p. 413). Cardozo introduz o Retirante para destacar, entre outros, o tema da Reforma Agrária, uma vez que ele não tem posses, inclusive terras, e se dirige a Mateus – outra personagem – se dizendo uma sombra. Claramente, Cardozo atua com esse personagem para levantar os problemas políticos e sociais dos pobres, e especificamente do sertão, neste caso. Ainda Pádua: “A permanência do arcaico é sempre sustentada por oligarquias que dela se beneficiam” (2013, p. 172).

Também é evidente essa preocupação na segunda parte do poema que estamos estudando. Agora não mais o João agricultor que tem consigo uma sombra no final da tarde, mas o vendedor/mascate que, ao viajar pelo sertão, procura ganhar a vida entre pessoas pobres, como inicialmente foi apresentado: “João da Tarde, vendedor de chuvas, / Viajou para o sertão” (CARDOZO, 2008, p. 210). O vendedor, a princípio, leva a solução para os problemas da seca, como os versos fazem crer: vender chuvas. Mas o que ele carrega são sonhos, desejo de tornar o sertão melhor, com condições climáticas mais chuvosas, frias e úmidas, ou seja, sonho de ver a árida terra tornar-se próspera, assim como a várzea, como nos versos seguintes: “Levava em seu mostuário os mais belos fios das nuvens, / As chuvas mais ricas do céu. / Umas de tecidos finos e frios, outras de fortes bâtegas pesadas; / Chuvas irisadas de sol e de lua” (CARDOZO, 2008, p. 210). Cardozo ainda traz para a discussão termos de outras regiões que contrastam com o cenário do árido sertão, como garoas, torós e aruegas: “Entre ruços, névoas e neblinas levava também / Garoas de São Paulo, Torós do Rio de Janeiro, / Aruegas de Minas Gerais” (CARDOZO, 2008, p. 210). Ou seja, comparações que representam anseios de melhores dias. Cardozo conheceu muito bem as condições climáticas daquela localidade, porque trabalhou no sertão do São Francisco, como afirma Souza Barros:

Joaquim Cardozo participou, nessa época – era bem moço então e estudante de Engenharia – dos planos para montagem de motobomba, em trabalho de campo com Octavio Pernambucano e Lafayette Bandeira, numa das ilhas do São Francisco, fronteira ao município de Moxotó e também às margens do rio (BARROS, 2015, p. 50).

Desse modo, é sua intenção colocar em discussão a problemática da seca e seu desenvolvimento político nas relações sociais. Como na discussão das personagens da peça, Cardozo retoma no poema a problemática da pobreza no sertão e destaca aqueles que se beneficiam dela. Com outro enfoque, considerando que não está em cena a reforma agrária, e sim a luta para se manter na terra, a segunda parte do poema é a discussão sobre a condição do homem no campo. Ambas as obras foram escritas e lançadas na mesma época, talvez por isso tais temas sejam recorrentes.

Assim como nos dias atuais, o homem do campo, e mais precisamente o do sertão, não é atendido em suas necessidades de sobrevivência por autoridades constituídas politicamente. A falta de chuva não é novidade alguma, e os períodos de estiagem destroem as lavouras, arruinando várias famílias. Cria-se uma dissonância entre aqueles que dariam alternativas para solucionar o problema da seca – os governos, por exemplo – e o homem do campo. É nesse contexto que João da Tarde, vendedor de chuvas não terá sucesso, pois o que diz ou tenta vender não tem significação para esse trabalhador, por isso não é ouvido, porque representam sonhos, e o povo não acredita mais em promessas dos políticos, como nos versos que seguem: “No largo da feira abriu o seu pluviário / E apregoando ficou por todas as horas: claras e sombrias, tardias e prematuras, / Apregoando ficou / As vantagens e fantasias dos seus panos de chuvas: [...] / Mas ninguém o escutava, ninguém lhe atendia” (CARDOZO, 2008, p. 210). Na verdade, o sertanejo é pessoa atenciosa e hospitaleira, mas o que esse vendedor estava fazendo pareceu mais sonho impossível e o povo está cansado de promessas, por isso, não era ouvido, não era levado em consideração. O neologismo pluviário nomeia o sonho em meio à secura que assola a região, promete abundância, ou seja, é um mostruário de chuvas.

Cardozo revela uma preocupação muito grande com esse tema. Em suas peças, ele menciona algumas empresas que o governo criou e que se mantiveram ao longo de décadas com o propósito de solucionar os problemas da seca. Uma delas é o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS. Mesmo com sua criação, os problemas com as estiagens nunca foram resolvidos, o que levanta dúvidas sobre o destino dos recursos investidos nesta empresa. O Cardozo teatrólogo cria na peça *De uma noite de festa*, para essa empresa, uma cena em que é comparada à figura esquisita, juntamente com outras empresas: “(...) Sim são quatro mamulengos: / SUNAB, DASP E DENOCS / No passo mais que molente, / Puxando IPASE a reboque” (CARDOZO, 2017, p. 155). Em *O coronel de macambira*, mais uma empresa é destacada pela perspectiva política e social cardoziana, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE –, nas falas de Mateus, Bastião e o Economista, ao fazerem um trocadilho com o nome do economista que ajudou na fundação dessa empresa, Celso Furtado:

Bastião

Não sei, Mateus, mas este homem / Parece aquele engenheiro / Que aqui esteve o ano passado / Com essas mesmas besteiras / - Dr. Sidonio Furtado.

Mateus

Ele não era engenheiro / Também não era Furtado / - Os furtados somos nós. / De quem estamos falando / O nome certo, Bastião / É Possidonio Furtando. [...] (CARDOZO, 2017, p. 63).

Como demonstra o diálogo entre os personagens Bastião e Mateus, não há confiança entre o povo e aqueles representantes do poder. Sobre esse diálogo, Pádua diz:

(...) O diálogo acima mostra o interesse das oligarquias pelos recursos da região e a esperteza do poeta ao demonstrar – num trocadilho com o nome do economista que ajudou na fundação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), em 1959, Celso Furtado – que mais uma vez será enganado e furtado. O órgão nunca representou e nem melhorou a vida de quem devia (PÁDUA, 2013, p. 194).

A comparação do poema em estudo com as duas peças acima foi necessária para compreender a sutileza dos versos de Cardozo. Ele condensa entre as palavras e versos o significado que foge à palavra comum. É o que está subentendido, “é o espaço poético”. Assim, é entre o João do poema e o povo, ao qual o sertanejo representa, a voz que pulsa no texto pedindo atenção, consideração por suas necessidades. É importante a tensão dramática estabelecida na voz da velha mulher, quando mostra a João, o vendedor de chuvas, a pobreza a que está submetida. Cardozo com os substantivos fome, ombros, olhos, ventre, seio, seca e mulher, este último acompanhado pelo adjetivo velha, cria uma imagem comparável à do quadro “Os retirantes”, de Cândido Portinari, levando em consideração a pobreza do sertão. “Uma velha mulher chegou-se, entretanto, / Uma velha que trazia a fome nos ombros e nos olhos / E que trazia a seca no ventre e no seio” (CARDOZO, 2008, p. 210). No poema, a voz que fala com João é uma mulher, representação do mito da terra, das mães e, por ser idosa, representa o tempo passado de sofrimento, de tradição, como também o conhecimento e a resistência. Única capaz e com força, embora suas condições físicas e contextuais caminhem em direção contrária, de falar das agruras por que passa esse povo. Com coragem para vencer o medo de denunciar um sistema opressor com os despossuídos, a voz da mulher representa aqui a quebra na cultura machista de não dar voz à mulher, num contexto em que o espaço reservado a elas era muito pequeno e limitante, o que ainda é atual em menor proporção. “ – Esta, disse a velha mulher, é a chuva que usamos, meu senhor!” (CARDOZO, 2008, p. 210). A voz dessa mulher configura a metáfora dos gritos de ajuda há muito proferidos por esses fortes. A terra cinérea, mas, ainda assim, esse povo sobrevive nessas condições tão duras e tristes, em certo ponto de vista, porque, mesmo assim, ainda conseguem ser alegres e hospitaleiros.

3. A sombra cardoziana

Há na poesia de Joaquim Cardozo uma recorrência à imagem da sombra. Não uma em específico, talvez muitas; mas, a que nós discutiremos aqui, e sem pretensão de esgotar sua significação, é a do poema em estudo. Na primeira parte do poema, uma sombra que acompanha João ao fim da Tarde e que o deixa tão logo a noite chega. Uma sombra que fala com palavras repassadas de longínquo e de horizonte, de inaudível voz. O crítico João Denys Araújo Leite destaca no teatro cardoziano o elemento da sombra em suas cenas: “Seu teatro de sombras e luzes é povoado de duplos personagens-morte que caminham em regiões não apenas determinadas pela paisagem seca e hostil, mas pelas contingências históricas, econômicas e sociais” (CARDOZO, 2017, p. 7).

Assim como no teatro, a sombra que acompanha, e que não permanece ao lado de João, na ausência de luz, representa essas contingências na poesia. A sombra aqui é mais que uma analogia com a noite, "...a sombra das sombras...", mas representa o desconhecido, o interior do homem talvez, a reflexão do homem que o leva a pensar sobre si, mesmo que a sua sombra não o acompanhe, e por isso mesmo: "Muito antes, porém, de se chegar a casa / - Sempre com seus pés tão juntos dos meus - / O gigante desaparecia, sem um gesto saudado, sem mão de adeus" (CARDOZO, 2008, p. 209). Cardozo captura o simultâneo da imagem ao suscitar a mudança da tarde para a noite, enquanto seu personagem caminha para casa com suas reflexões. E também uma lembrança da ausência de sentimento, já que a partida não teve gesto saudado e nem adeus. "Sumia, se esgueirava.../ E simplesmente, noitemente se perdia / Na sombra das sombras, porque era sombra!" (CARDOZO, 2008, p. 209). Alfredo Bosi diz, sobre a recorrência da palavra para suscitar uma imagem, que é a forma de alcançar a simultaneidade: "Essa distinção formal reponta com a maior clareza no caso da recorrência, outro modo tático pelo qual a linguagem procura recuperar a sensação de *simultaneidade*" (BOSI, 2000, p. 41). Cardozo faz uso desse recurso para dar a sua poesia uma imagem mais plástica e também mais intimista ou existencial, como percebemos com a palavra sombra.

Na segunda parte do poema, a sombra ganhará mais significados, vulto, amparo de um sol causticante, imagem que denuncia questões sociais, a pobreza das pessoas e do solo seco, sem chuva, uma discussão política, como já mencionada no item anterior. "Chegou-se, apanhou no chão ressequido um pedaço de sombra de nuvem" (CARDOZO, 2008, p. 210). A sombra que torna agradável as condições das pessoas são aquelas que trazem as chuvas, que não é negra, mas acinzentadas, e que traz esperança nesse contexto, como nos versos "Entre ruços, névoas e neblinas levava também..." (CARDOZO, 2008, p. 210).

A sombra talvez represente, também, o andamento da vida, o questionamento e a razão de ser das pessoas e o fim, uma vez que na ausência de luz a sombra se esgueira e some, desaparece. "E João da Tarde porque não possuía / Uma chuva tão pobre, uma chuva tão tristemente, / Fechou o seu calendário. E partiu" (CARDOZO, 2008, p. 210). O mundo real revelado sem sonho, sem esperança.

Considerações finais

A relação entre a terra seca do sertão árido e a terra úmida e frutífera das várzeas nas "Fábulas de João da Tarde" é apenas o começo da discussão desse poema. É possível que Cardozo tenha feito essa relação a partir de suas experiências nesses ambientes, como já foi referido. Porém, as imagens criadas revelam e denunciam mais do que seus questionamentos políticos e sociais, pois, através das metáforas e das recorrências no texto, o poeta cria uma relação entre imagens e sombras carregadas de sentidos a serviço da representação do real. A grande tela se impõe à vista do leitor, as duas paisagens de vida e de morte. O mesmo sol que ilumina e proporciona o desabrochar das plantas, da cana de açúcar, é o mesmo que na outra tela trará sofrimento, tristeza, *secura*. Nesse

universo condensado, o homem não representará a centralidade do tema, mas é uma parte do meio que o circunda, que o envolve e que faz simbiose com ele. A sombra que viaja da várzea para o sertão e que carrega sonhos tem significados diferentes: início e fim. O por trás das sombras é o intervalo entre o silêncio do ser e o medo da morte, do fim da existência. O começo e o fim que Cardozo representa com figuras / ideias de luz e de escuridão. Seu poema faz brotar a beleza da plenitude com o questionamento do todo, a força da palavra ao criar a imagem indagadora. É o olhar atento à característica fundamental sobre as sutilezas da vida que o poeta se debruça, mesmo que seja rude. Os temas regionais são marcas de sua poesia modernista, além de apresentar versos livres, o que aproxima a sua poesia do povo, embora seu texto seja de difícil penetração. Além disso, seus versos estão cheios de representação da sua cultura, carregando as palavras de vida/sentido. Representado e fazendo-se representar, Cardozo carregou de sentidos existenciais esse poema-fábula / poema-enredo.

Referências

- BARROS, Souza. **A década 20 em Pernambuco**. 3. ed. Recife: CEPE, 2015.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: Massangana, 2008.
- CARDOZO, Joaquim. **Teatro de Joaquim Cardozo**. Recife: CEPE, 2017.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- LEITE, João Denys de Araújo. O texto teatral de Joaquim Cardozo: chão cósmico de singulares transfigurações. *In*: CARDOZO, Joaquim. **Teatro de Joaquim Cardozo**. Recife: CEPE, 2017.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O viajante e sua sombra**. Tradução Antônio Carlos Braga, Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 81).
- PÁDUA, Vilani Maria de. Modernismo em Pernambuco: a poesia de Joaquim Cardozo, **Revista FAFIRE**, Recife, v. 8, n. 1, p. 15-30, jan./jun. 2015.
- PÁDUA, Vilani Maria de. **Tradição e modernidade em o coronel de macambira, um bumba meu boi de Joaquim Cardozo**. Recife: SESC Pernambuco, 2013.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotaçãõ**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- PY, Fernando. Os contos de Cardozo. *In*: CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: Massangana, 2008.

Anexo

Fábulas de João da Tarde

I

O meu gigante João da tarde vinha sempre me ver ao fim do dia,
No momento que eu deixava meus trabalhos no campo
E o sol descia muito longe, muito além das terras do Brasil...

Íamos então lado a lado caminhando
Por toda a extensão da várzea limpa e dourada,
Da várzea luzindo, agraciada pelo sol,
Recentemente revolvida, navegada pelo arado;
Seguíamos depois pelo caminho do açude, perlongando, convagando a levada.

João agitava os braços enormes em gestos de fuga e ambição
E me falava com palavras repassadas de longínquo e de horizonte.
Pouco, muito pouco percebia do que me segredava,
Pois, os seus pés estando sempre juntos dos meus,
A sua cabeça se afastava para além da curva do rio.

João da Tarde, o gigante!
Muito antes, porém, de se chegar a casa
- Sempre com os seus pés tão juntos dos meus –
O gigante desaparecia, sem um gesto saudado, sem mão de adeus;

Sumia, se esgueirava...
E simplesmente, noitemente se perdia
Na sombra das sombras, porque era sombra!

II

João da Tarde, vendedor de chuvas,
Viajou para o sertão.
Levava em seu mostruário os mais belos fios das nuvens,
As chuvas mais ricas do céu!
Um de tecidos finos e frios, outras de fortes bâtegas pesadas;
Chuvas irisadas de sol e de lua,
Jaspeadas de brisa matutina ou debruadas de tarde;
Levava peças inteiras de Chuvão e de Aguaceiro,
De Piroabas delgadas e de espessas Camboeiras
- Alguns retalhos de Chuva-de-rama e de Santa Luzia –

Entre ruços, névoas e neblinas levava também
Garoas de São Paulo, Torós do Rio de Janeiro,
Aruegas de Minas Gerais.

No largo da feira abriu o seu pluviário
E apregoando ficou por todas as horas: claras e sombrias, tardias e prematuras,

Apregoando ficou
As vantagens e fantasias dos seus panos de chuva:
Como eram retilíneos e firmes no ar,
Como envolviam e amavam as sementes!

Mas ninguém o escutava, ninguém lhe atendia.

Uma velha mulher chegou-se, entretanto,
Uma velha que trazia a fome nos ombros e nos olhos
E que trazia a seca no ventre e no seio;
Chegou-se, apanhou no chão ressequido um pedaço de sombra de nuvem

E espremeu-o, tanto o espremeu em suas mãos magríssimas
Que fez cair algumas gotas sobre a terra cinérea:
Vinham elas talvez dos seus olhos, das unhas talvez... – olhos de suas mãos –

(Gotas do seu sangue sem cor)

- Esta, disse a velha mulher, é a chuva que usamos, meu senhor!

E João da Tarde porque não possuía
Uma chuva tão pobre, uma chuva tão tristemente,
Fechou o seu calendário. E partiu.

Recebido em: 05.11.2020

Aprovado em: 20.11.2020

Para referenciar este texto:

MAIA; Salomão de Moura; PÁDUA, Vilani Maria de. Imagens e sombras na poesia de Joaquim Cardozo. **Lumen**, Recife, v. 29, n. 2, p. 75-88, jul./dez. 2020.